

# MULTICULTURALISMO: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Antônio Sidekum

*“A Interculturalidade é o imperativo filosófico de nosso tempo.”*  
Raimon Panikkar

## 1. Um Enfoque da Temática

O multiculturalismo tornou-se uma temática fundamental no processo da democracia de muitos países e desenvolveu-se com a evolução dos direitos humanos da última geração, quando neles se introduz o debate sobre o direito das minorias<sup>1</sup> e dos grupos étnicos marginalizados em grandes áreas culturais. Esses direitos passam a ser explicitados amplamente a partir do direito à diferença e com o direito ao reconhecimento da identidade étnica e de do direito à educação dentro da cultura autóctone. O enfoque do presente trabalho será o desafio que o multiculturalismo apresenta à educação na América Latina. Mas, acima de tudo, a síntese dialética multicultural deveria ser alcançada pelo diálogo intercultural, como alerta Raimon Panikkar<sup>2</sup>. "Ya dijimos que éste es el lugar del diálogo del diálogo. Lo que hace falta para la convivencia cultural es el diálogo dialogal, cuya condición, entre otras, es el respecto mutuo. Decimos diálogo dialogal y no meramente dialéctico por este último presupone ya el primado de un lógos (muy restringido, por otra parte) que muchas culturas no reconocen".

O mesmo ocorre com a temática da subjetividade ou da derivação da própria intersubjetividade que sempre foi um assunto latente da tradição dos estudos da historiografia e da própria filosofia que moldaram a cultura do Ocidente. O conceito da subjetividade fundamenta-se no cogito moderno, passando pela concepção da universalidade dos direitos humanos e alcançando seu apogeu na filosofia do Idealismo alemão, tanto pelo princípio do imperativo categórico da autonomia como pelo subjetivismo idealista. A presença, mesmo em estágio latente, da temática da interculturalidade foi sempre uma grande dificuldade para a articulação da filosofia, da historiografia e da antropologia cultural. Quando nos voltamos à subjetividade para tratar do tema de cultura, deparamo-nos com o questionamento seguinte: sob quais condições alguém poderá experimentar sua cultura como autêntica? Esse questionamento poderia ser mais evidenciado, se perguntássemos pela orientação que uma pessoa ou mesmo um

---

<sup>1</sup> Esse debate já alcançou uma longa história principalmente em países como Canadá, Nova Zelândia e atualmente alcança novos protagonistas na América Latina. O tema do multiculturalismo é um dos grandes debates filosófico coordenado por Charles TAYLOR. Refiro-me ao debate filosófico coordenado por Taylor nos últimos anos sobre identidade cultural e pluralismo. Ver Charles TAYLOR. *Multiculturalism: examining the politics of recognition*. Princeton : Princeton University Press, 1994.

<sup>2</sup> Raimón PANIKKAR. *Filosofía y cultura: una relación problemática*. In: Raúl FORNET - BETANCOURT. *Kulturen der Philosophie*. Aachen: Augustinus, 1996 p. 41.

grupo tomam, antes de buscar um modelo diferenciado, que possibilitaria a descrição dessa situação histórica. Se a questão apenas tratasse da filosofia, isso não seria suficiente. Teríamos que ampliar a perspectiva, que poderá ser a partir das interrupções e emergências de culturas e das constantes superposições de seus elementos. Essa é o principal desafio que abrange a educação numa perspectiva América Latina. É uma perspectiva com dimensões históricas de um passado recente com negações violentas e formação de sínteses dialéticas, muitas vezes forjadas pelo lógos do eurocentrismo civilizador e dominador.

## 2. A Unidade na Diversidade

Vivemos uma época de imensas transformações no campo do relacionamento humano. Os atos de relacionamento político internacional são demonstrações do mais alto grau de uma nova situação. Isto é demonstrado de forma global pelos atos de terrorismo e de violência institucionalizada, que se efetua a nível das empresas transnacionais que impõem seus modelos econômicos e sua política de manipulação das necessidades e do imaginário histórico do povo. A situação atual criou um modelo unidimensional da moral nos mais variados sistemas. Esse modelo define-se nos princípios de gerenciamento dos bens públicos e por uma ideologia que se caracteriza por uma maximização e quantificação das atividades da vida humana pelas exigências dos múltiplos planos estratégicos, pela ideologia da qualidade total e pelo processo de mundialização. A mundialização impôs-se em pouco tempo como um lugar comum do debate público. Os conceitos mundialização e globalização são utilizados numa perspectiva para enumerar e denunciar vítimas do processo de exclusão social. No entanto, a história da última década exige muito para ser decifrada e para que se possam costurar todos os detalhes dessa etapa da história.

Ainda continuamos a viver uma época de agonia das grandes utopias. E quando uma sociedade não é mais capaz de conceber e sustentar utopias, ela mostra-se doente.<sup>3</sup> A utopia e o mito fazem parte essencial do individual e do coletivo humano. Somos muitas vezes tomados por um ceticismo utilitarista que transforma em ofensa os sonhos visões dos jovens, e considera como fraqueza humana a cultura da esperança. O princípio esperança, descrito por Ernst Bloch,<sup>4</sup> será procurado hoje na experiência da unidade e na multiplicidade, como poder de uma ética da solidariedade sustentada no reconhecimento da alteridade absoluta do outro. Esse mesmo reconhecimento da alteridade do outro implica numa educação para o escutar da voz diferente que brota de uma cultura também diferente que quer consolidar um diálogo na esfera da vida para que este seja verdadeiramente dialogal.<sup>5</sup> Este princípio seria a resposta ao nosso questionamento sobre os valores da

---

<sup>3</sup> E.M. CIORAN. *Histoire et utopie*, escreve: “A sociedade que não é capaz de produzir uma utopia para o mundo, e de sacrificar-se por ela, está ameaçada de esclerose e de ruína. A sabedoria para a qual não existem quaisquer fascinações aconselham-nos uma felicidade dada, acabada; o homem rejeita esta felicidade, e é justamente esta rejeição que faz dele uma criatura histórica, ou seja, um partidário da felicidade imaginada”. Apud J. SZASCHI, *As utopias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972 p. VII.

<sup>4</sup> Ver em Ernst BLOCH. *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt a Main : Suhrkamp, 1980 p. 1. “Der Affekt des Hoffens geht aus sich heraus, macht die Menschen weit, statt sie zu verengen, kann gar nicht genug von dem wissen, was sie inwendig gezielt macht, was ihnen auswendig verbündet sein mag. Die Arbeit dieses Affekts verlangt Menschen, die sich ins Werdende tätig hineinwerfen, zu dem sie selber gehören.”

<sup>5</sup> Aqui reside a genealogia da ética. Principalmente a partir do pensamento de Martin Buber e Emmanuel Levinas. John LLEWELYN. *Emmanuel Levinas*. New York: Routledge. 1995.

sociedade para poder-se sonhar, estimular, criar e construir um mundo mais justo.

O espaço que aqui se desdobra na temporalidade, seria o do reconhecimento da unidade e da multiplicidade. Esse desiderato é alcançado por uma educação fundamental dos Direitos Humanos, na qual seriam priorizados os fundamentos éticos da autonomia da subjetividade humana, o reconhecimento do direito de poder ser diferente. Esse é o princípio da educação num mundo multicultural. Na mesma dimensão da educação dever-se-iam priorizar os valores como a paz, a democracia, a liberdade e o respeito ao direito da autonomia e à diferença. Aprendermos, nessa nova perspectiva, a reconhecer os direitos fundamentais do outro, fundamentando e sustentando nossas idéias e posturas na justiça política e convicções democráticas. As principais ênfases serão dadas, hoje, ao fenômeno do multiculturalismo como o grande exercício da democracia a nível internacional, nacional, regional e nas instituições de trabalho.

A vida humana insere-se sempre num contexto do verdadeiro diálogo. Um diálogo possível é requerido para podermos chegar ao consenso e ao debate, apesar das enormes dificuldades que se interpõem em nossa vida cultural. Com o diálogo possível chegaremos também à síntese de posições conflitantes e confrontáveis. Esse diálogo possível entre as pessoas e culturas deverá ser concebido e sustentado por uma educação sistemática e permanente em nossa sociedade através das universidades, dos colégios e principalmente através dos meios de comunicação social. Essa medida é imprescindível em virtude da fraqueza ética e das constantes ameaças às instituições democráticas e da destruição das iniciativas do povo na sociedade civil.<sup>6</sup> É fácil observarmos em nossa cultura que o diálogo cada vez mais desaparece. Muitas vezes não reconhecemos a multiplicidade das cosmovisões que o ser humano constrói e sustenta ao longo de sua vida. Não nos comunicamos mais numa sociedade, ou comunidade de comunicação real e ideal. Porém, o que usamos são afirmações categóricas, juízos definitivos, uma linguagem com frases herméticas, conceitos absolutos e sem apelação.

### 3. Paradigmas da Filosofia Intercultural no Processo Pedagógico

A filosofia intercultural, como filosofia nova, apresenta à nossa reflexão dimensões inéditas e muitos desafios, principalmente, quando se trata das hipóteses e aproximações interdisciplinares dos complexos campos da educação, dos estudos da antropologia, da historiografia e dos múltiplos aspectos éticos da globalização das novas formas da economia do mundo e do sistema de comunicação social. O mundo humano ficou menor nas suas relações de alcance geográfico, mas extremamente complexo, na sua articulação histórica, na sua estruturação econômica e na sua dimensão política. É nessa perspectiva em que se consolida a filosofia intercultural. Raúl Fornet-Betancourt<sup>7</sup> faz uma longa lista dos princípios e paradigmas que estão inseridos na fundamentação da filosofia intercultural. Entre as quais destaca-se o caráter de novidade. A filosofia intercultural será nova, primeiro, no sentido de que será uma maneira de fazer e praticar a filosofia que brota do

---

<sup>6</sup> Cf. a perspectiva do artigo de Raúl FORNET -BETANCOURT. Aproximaciones a la Globalización como universalización de Políticas Neoliberales desde una perspectiva filosófica. In Pasos n. 83. San Jose Costa Rica, 1999.

<sup>7</sup> Raúl FORNET-BETANCOURT. Questões de método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América. São Leopoldo: UNISINOS, 1994 p. 10.

inédito. Pois, não se trata de uma pura reorganização teórica daquilo que temos nem de uma radicalização de posicionamentos herdados. Trata-se, pelo contrário, de criar, a partir das potencialidades filosóficas que se vão historizando num ponto de convergência comum, isto é, não dominado nem colonizado culturalmente por nenhuma tradição cultural. Em segundo lugar, a filosofia intercultural é nova, porque, superando os esquemas da filosofia comparada, aponta para a realização da filosofia no sentido de um processo continuamente aberto no qual se fazem citações, se vão con-vocando e aprendendo a conviver com as experiências filosóficas da humanidade toda. Fernet-Betancourt refere-se, assim, a algo originário ou primordial do ato de filosofar dentro de uma contextualização universal da ação humana. Considera esse processo como um processo eminentemente polifônico do qual se consegue a sintonia e a harmonia das diversas vozes pelo contínuo contraste com o outro e o contínuo aprender de suas cosmovisões e experiências históricas. Essa dimensão transpõe-nos ao caráter verdadeiramente dialogal que a filosofia intercultural está imbuída. Em virtude da exigência hermenêutica que parte do pressuposto de que a finitude humana, tanto em nível individual como cultural, impõe a renunciar à tendência de absolutizar ou de sacralizar o próprio. A filosofia inova pelo reconhecimento histórico e ético da alteridade absoluta do outro que ao afirmar minha subjetividade põe em questionamento a minha verdade e aponta para a vulnerabilidade da subjetividade. Ainda no campo da hermenêutica a filosofia intercultural faz com que renunciemos ao método e à postura hermenêutica reducionista. Isto é, a filosofia intercultural não opera com um único modelo teórico que sirva de paradigma hermenêutico. A filosofia intercultural cria um paradigma interpretativo novo que opera pela interpretação do próprio e do outro como resultado da interpelação comum, mútua em que a voz de cada um é percebida e reconhecida em sua alteridade.<sup>8</sup> A filosofia intercultural descentraliza a reflexão filosófica do possível centro predominante. A filosofia intercultural critica toda forma de atar o pensar a qualquer centro cultural. Ela é portadora de uma nova perspicácia no conhecer e no interpretar a realidade histórica. A superação das muitas formas de tendências etnocêntricas dar-se-á pela filosofia intercultural através do conhecimento e vivência da própria tradição cultural, não como instalação absoluta, mas como passagem e ponte para a intercomunicação da intersubjetividade em sua plenitude de compreensão. Dessa forma, a cultura latino americana atual seria algo assim como a ponte que não poderemos saltar, mas pela qual devemos transitar se quisermos chegar a outra margem. A filosofia intercultural aproxima-se ao problema da identidade de uma comunidade cultural humana determinada, não no sentido metafísico de uma condição humana abstrata e estática, pelo contrário, como um processo histórico de enriquecimento contínuo, possibilitado, justamente, pela dinâmica de uma constante transculturação das nossas tradições e experiências históricas do cotidiano como um verdadeiro processo de universalização e de uma trans-paradigmatização da hermenêutica do tempo histórico. Ainda, segundo Fernet-Betancourt, a filosofia intercultural instaura um diálogo intersubjetivo e propõe buscar a universalidade desligada da unidade que, como mostra a história, resulta facilmente manipulável por determinadas culturas. Pela filosofia intercultural pode-se levantar uma indagação forte e uma suspeita de que a humanidade ainda não alcançou a verdadeira dimensão da universalidade. A universalidade sustentada

---

<sup>8</sup> ver em E LEVINAS. Totalidade e infinito. Lisboa : ed. 70. 1980."A identidade universal em que o heterogêneo pode ser abrangido tem a ossatura de um sujeito, da primeira pessoa." P. 24

no reconhecimento dos diversos mundos, dos diferentes universos, das sempre novas cosmovisões, do mistério do culto de mitos e do sagrado como um “dizer” sem ter sido um “dito”. A filosofia intercultural, em virtude do seu método hermenêutico, para uma plenitude de alcance do sentido do êthos cultural, coloca em questionamento a perspectiva da unidimensionalidade e da unidirecionalidade da nossa experiência histórica<sup>9</sup> e no questionamento radical derivado da unilateralidade da concepção moderna a partir da absolutização do poder do saber e do poder tecnológico do qual o homem moderno se apoderou. Mircea Eliade<sup>10</sup> aponta assim, para um redimensionamento das múltiplas etapas da cosmovisão humana. Não se trataria apenas dos variados estágios do processo civilizatório, segundo Darcy Ribeiro,<sup>11</sup> mas, por um lado, desenvolvido a partir da dimensão do conceito de cultura como síntese, desenvolvido em Norbert Elias<sup>12</sup> ou em Alejandro Serrano Caldeira<sup>13</sup> e por outro lado, pelo sincretismo e pela síntese reclamados pela filosofia intercultural. Esta nova forma de humanismo poderá redimensionar nosso conceito de cidadania, de direito à educação, de democracia dentro de um pluralismo cultural, que por sua vez, levar-nos-á para um novo contrato social, carregado com a utopia de que um outro mundo humano será possível.<sup>14</sup>

Podemos constatar muito facilmente que, por um lado, instaurou-se uma complexidade cultural nova no mundo da ética, em virtude de vivermos uma experiência ímpar de diáspora cultural<sup>15</sup> e de subjetividade, isto é, de podermos estar “aqui” e, de uma certa maneira psicológica, estarmos ao mesmo tempo “lá” e podermos afirmar as fontes da subjetividade e experimentar sua extensa e originária vulnerabilidade ontológica. Por outro lado, internalizamos a vivência que se realiza no sujeito enquanto indivíduo que se plenifica ao mesmo tempo na identidade do êthos cultural de um determinado contexto histórico e concretamente encarnado num país, no qual a denominação principal será a nossa identidade cultural. Grande parte da população dos países latino-americanos vive

---

<sup>9</sup> Herbert MARCUSE. Ideologia das sociedades industriais. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1969.

<sup>10</sup> Mircea ELIADE. El Mito del Eterno Retorno. Buenos Aires : Alianza/Emece, 1997. O autor se refere assim ao homem moderno: Assim, para o homem tradicional, o homem moderno não constitui o tipo de um ser livre nem de um criador da história. Pelo contrário, o homem das civilizações arcaicas pode estar orgulhoso de seu modo de existência, que lhe permite ser livre e criar. É livre de não ser já o que foi, livre de anular sua própria história” mediante a abolição periódica do tempo e a regeneração coletiva. O homem que aspira ser histórico não pode aspirar de modo algum a essa liberdade do homem arcaico em relação à sua própria “história”, pois para o homem moderno a sua história não somente é irreversível, mas também constitutiva da existência humana. Sabemos que as sociedades arcaicas e tradicionais admitiam a liberdade de começar cada ano uma nova existência, “pura”, com virtualidades virgens.” P. 144

<sup>11</sup> Darcy RIBEIRO. O Processo Civilizatório. Petrópolis : Vozes 1979.

<sup>12</sup> Norbert ELIAS. Über den Prozess der Zivilisation. Frankfurt am Main : 1976 2 vol.

<sup>13</sup> Alejandro SERRANO CALDERA. LA unidad en la diversidad. Managua : San Rafael, 1993

<sup>14</sup> Um outro mundo é possível. Foi o Lema do II Forum Social Mundial, porto Alegre, 31 de janeiro a 5 de fevereiro. Ver i site: [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br)

<sup>15</sup> Vejamos duas citações que tratam dessa formulação da experiência da nossa diáspora cultural. “ O homem que acha sua pátria agradável não passa de um jovem principiante; aquele que para quem todo solo é como o seu próprio já está forte; mas só é perfeito aquele para quem o mundo inteiro é como um país estrangeiro” ( eu que sou um búlgaro morando na França, colho essa citação em Edward Said, palestino que vive nos Estados Unidos, que, por sua vez, encontrou-a em Erich Auerbach, alemão exilado na Turquia).

Tzvetan Todorov. A conquista da América. S. Paulo : Martins Fontes editora, 1991, p. 245

Uma outra citação ” O Deus estrangeiro... não nos chama do estrangeiro, no qual nós nos perdemos, para a Pátria, mas da horrível Pátria, à qual pertencemos, num bem-aventurado estranho (estrangeiro).”

Norbert Bolz. Auszug aus der entzauberten Welt. Philosophischer Extremismus zwischen den Weltkriegen, München 1989, p. 183.

hoje o drama da experiência do estar entre duas culturas, sem considerarmos a complexidade psicológica do impacto das transformações culturais. Poderíamos perguntar sobre os determinantes novos da cultura contemporânea, que serão e permanecerão ainda mais como as inovações de equipamentos tecnológicos e que nos levam a interrogar sobre uma maior atenção ao processo da manipulação tecnológica. Estamos diante de uma abertura do enigmático pórtico da era da biotecnocultura.<sup>16</sup> Isso implica o aparecimento de situações extremas para a pessoa humana no seu processo de eliminação das raízes originárias da unicidade e da autonomia da pessoa humana, provocada pelo avanço admirável da tecnologia e pelos terríveis processos da exclusão social, individual e pelo drama simbólico e religioso dos migrantes na Continente Latino Americano. É nesse contexto em que o problema se formula e se aproxima da hipótese da ausência de uma identidade e da recorrência como apelação moral ao vazio existencial. Brotando, assim, uma constante necessidade da recorrência à apelação ao sistema de uma semiótica pragmático-transcendental<sup>17</sup> do nosso “mundo caótico”, em virtude da ausência de um projeto pedagógico libertador, recorrendo-se, com isso, em muitos momentos ao simulacro ou à simulação de uma religião popular e ao paradigma de uma apropriação simbólica da alienação religiosa. Sem considerar plenamente a problemática da diversidade cultural, poderíamos referir-nos ao problema dos limites de assimilação das perspectivas e das vivências num mundo feito pelo multiculturalismo. Dentro dessa unidade e multiplicidade da nova situação histórica contemporânea que nos leva a falar sobre uma ética dum mundo de novas diferenças históricas inovadoras.<sup>18</sup> A temática filosófica da unidade e da multiplicidade, da homogeneidade e das garantias das diferenças do ser humano no modo de ser e de escolher no âmbito dos direitos das dimensões existenciais, no que tange aos direitos de poder ser diferente são ainda motivos de grandes debates<sup>19</sup> na sociedade multicultural de hoje.<sup>20</sup>

. As perspectivas desses direitos concretizam-se na realização histórica efetiva, principalmente no decurso da última década do século XX. Esse assunto recebeu uma ênfase nova em virtude da radicalização dos fundamentalismos políticos e religiosos,

---

<sup>16</sup> Quem faz esta abrangente análise é a obra de Jeremy RIFKIN. O Século da Biotecnologia. São Paulo: Makron Books, 1999.

<sup>17</sup> Karl Otto APEL. Towards a Transcendental Semiotics. New Jersey: Humanities Press, 1994.

<sup>18</sup> David M. SMITH. Moral Geographies; Ethics in a World of Difference. Edinburg. 2000. “ It is now time to pose some questions about the significance of difference to ethics. The initial concern is not with individual differences which may be morally relevant to how persons should be treated. By difference here is meant the fact of diversity, or pluralism, in moral beliefs and practices, as they vary from place to place (and from time to time), as integral features of human cultures and ways of life. Differences in how groups of people live do not necessarily invite normative judgement. “ p. 14.

<sup>19</sup> Ver o belo opúsculo de Alejandro SERRANO CALDERA. LA UNIDAD EN LA DIVERSIDAD. Manáguá, 1998. Aqui faço também uma referência à obra de Franz Martin WIMMER. Philosophiehistorie in interkultureller Orientierung. Thesen zu Gegenstand und Form. Em Polylog, n. 3, 1999. Da mesma forma iniciaram-se já na década de 1970, inúmeros encontros, conferências e seminários das igrejas sobre a unidade e multiplicidade e sobre o exercício teológico religioso num mundo multicultural.

<sup>20</sup> Neste sentido já tem-se uma certa tradição em alguns Institutos da Europa que iniciam a discussão sobre a interculturalidade a partir da filosofia. Vide autores como: WIMMER, Franz. Vorlesungen zu Theorie und Methode der Philosophie im Vergleich der Kulturen. Bremen : Studiengang Philosophie 1997, 182p. E FORNET-BETANCOURT, Raul. Kulturen der Philosophie. Aachen : Augustinus Verlag. 1996 209 p.

Raimon PANIKKAR Filosofía y cultura: una relación problemática. In Raul FORNET-BETANCOURT, Kulturen der Philosophie. Aachen : Augustinus Verlag, 1996. P.41

que colocaram o nosso mundo globalizado numa constante ameaça total e numa era de incertezas brutais. Além disso, acentuou-se profundamente o processo de uma crise econômica mundial, que já se faz presente nos setores de produção e no comércio internacional com novas formas de exclusão social. Da mesma forma deveremos considerar que as mudanças processadas nos negócios que se referem ao meio ambiente, as mudanças na comunicação tecnológica, as mudanças políticas encorajam e facilitam a emergência de negócios globais, de empresas transnacionais e a emergência de mercados comuns ao redor do mundo inteiro. Isso implicou em transformações culturais radicais na maioria das populações, que sempre lograram sucesso, submergindo numa marginalidade urbana, tendo como conseqüências uma situação econômica piorada e uma profunda modificação cultural existencial. Essa nova situação cultural não deixa de provocar formas inauditas de constantes conflitos associados à mudança da estrutura social. Esses novos movimentos sociais operam com uma lógica especial. Possuem uma articulação e negociação inovadoras, de acordo com as novas bases e exigências históricas do sistema mundo, e, apresentam-se diferentes em sua dinâmica em relação aos clássicos movimentos sociais e revolucionários desencadeados no passado. Hoje, esses movimentos sociais abarcam outras temáticas e novas estratégias universais que estão centradas em utopias concretas, tais como o direito de participação de minorias étnicas no sistema da democracia autenticamente representativa e pela formulação de uma ética de desenvolvimento sustentável e que leve, fundamentalmente, em consideração a identidade cultural e a unidade na multiplicidade. Trata-se também dos novos aspectos e das novas dimensões do movimento denominado multiculturalismo, que se tem desenvolvido nas últimas décadas em alguns países. Entende-se, muitas vezes, por multiculturalismo uma forma de ideologia que expressa a democracia representativa.

A filosofia intercultural,<sup>21</sup> por um lado, abarca um processo muito marcante, uma vez superado seu complexo de inferioridade e depois de ter encontrado a verdadeira dimensão da cultura e ter assumido uma maior seriedade na discussão sobre o êthos cultural dos diferentes povos. Por outro lado, ela trata também das novas formas dos movimentos sociais no presente. Na maioria dos países latino-americanos sofremos uma rápida transformação da situação histórica que, por sua vez, provocou uma nova mobilização dos grupos sociais que centraram suas lutas em torno da problemática do reconhecimento da identidade cultural e político dos diferentes grupos, que nem sempre giram em torno da identidade cultural, do multiculturalismo, mas, em torno do reconhecimento político dos direitos humanos.

#### 4. Alteridade e Multiculturalismo na Educação

O tema da identidade e diversidade tem se destacado a partir da cosmovisão múltipla na qual se insere a vida humana. Esta cosmovisão transfigura-se entre os diversos processos

---

<sup>21</sup> ver Raul FORNET-BETANCOURT. Questões de método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América. S. Leopoldo : Unisinos, 1994 . Do mesmo autor *Kulturen der Philosophie*. Aachen, 1996. Idem . “A filosofia intercultural é nova, porque propõe buscar a universalidade desligada da figura da unidade que, como mostra a história, resulta facilmente manipulável por determinadas culturas. Isto quer dizer, que se parte da suspeita de que até hoje não se tem conhecido, nem muito menos, realizado historicamente a universalidade.” p. 12.

históricos. Nosso mundo é único, porém, do mesmo temos cosmovisões distintas. Há um pressuposto teórico universal que se compreende pela chamada filosofia, é o modo peculiar como situar-se na unidade e na multiplicidade. A identidade e a interculturalidade criam e consolidam um modo próprio de pensar. Esse modo de pensar sobre o humano e o mundo já o encontramos desenvolvido nas antigas escolas gregas. É uma maneira peculiar como se reflete sobre o mundo, sobre o homem e sobre a história dos mesmos, na qual quer-se buscar o princípio explicativo e constitutivo da realidade do ser. É a passagem do mito à razão. Esse modo de refletir é fundamentado na compreensão do *lógos*. Com a multiplicidade, o ser humano reclama a variabilidade do mundo. A identidade não faz apenas referência ao mundo, porém à forma como vive o ser humano na sua maneira de idear e de manipular o seu mundo histórico e também, o seu modo como ele constrói sua projeção introspectiva e estética do mundo. A maneira de buscar uma compreensão fundamentada em mitos reflete já a construção intelectual do mundo a partir de constructos arquétipos justificantes do modo de refletir a sua cosmovisão. Este constitutivo dos arquétipos e da necessidade da reflexão mítica sobre o mundo fundamenta-se na tentativa da compreensão do enigma da consciência de si e de seu mundo histórico, como também da tentativa de superar as forças antagônicas que o destino (*moira*) impõe à história do ser humano. Diante de sua incapacidade de defender-se face às agruras forças opositoras da natureza e face à consciência de sua incapacidade de superar o absurdo do destino, o ser humano sente-se vulnerável. O ser humano desperta para os mecanismos de autodefesa e ao descobrir-se como um ser necessariamente social, instaura, a partir de sua convivência gregária, também a sua identidade que se reflete no processo de formação do seu grupo. Tais perspectivas se explicam pela crença nos mesmos mitos, nos mesmos deuses como forma de autodefesa real e ideológica do grupo, enquanto realidade histórica. A identidade e a diferença apresentam-se como princípios do pensamento. A tentativa de se compreender biológica e socialmente a realidade das coisas e dos meios para assimilar as mesmas, partem de uma pré-concepção do processo da possibilidade da identidade e da diferença. Identificar significa reconhecer um objeto através de determinação de invariáveis, isto é, características que determinam a coisa na sua mesmidade, na sua unidade e na sua individualidade, como tal, durante o tempo de sua existência. Diferenciar significa estabelecer variações que não são determinantes a um objeto como indivíduo, mas que determinam uma mínima lógica que pressupõe um preparo de informações como racionalização primeira e originária da natureza.

O *logos* é grego em sua compreensão constitutiva e conceptual é incapaz de reconhecer o que é diferente. Observamos isto no paradigma mítico de Ulisses, que perpassa em sua *Odisséia* com uma única certeza de que ele jamais será diferente. Da mesma forma, não há o reconhecimento da alteridade. O que existe é o idêntico, o mesmo. Fora da compreensão da identidade do mesmo será impossível o reconhecimento do outro modo de ser. No pensamento ocidental, deparamo-nos, no que se refere ao problema do modo de ser idêntico e do modo de ser diferente, com uma perspectiva instauradora de crise face ao modo de ser, assim, interrogamos sobre o como tomar conhecimento da existência do outro que não se encontra no modo de ser da nossa identidade. Durante o período moderno, a filosofia tem-se caracterizado pelo processo de estabelecer a identidade a partir do cogito e da subjetividade, que se explicitam pela egologia e pelo verdadeiro egocentrismo. Este conceito estende-se ao problema da constituição do pensamento grego: o discurso do *lógos* e a barbárie. Um outro processo que se deriva deste egocentrismo, se reflete em proporções excludentes na cultura ou na civilização, o que chamamos de eurocentrismo. Durante

séculos de expansionismo, de imposições e de dominação cultural, o egocentrismo destruiu, principalmente nas outras civilizações, o princípio da identidade, excluindo do mundo de sua lógica todos os que não pensavam dentro do lógos ocidental.<sup>22</sup>

A metodologia utilizada no estudo para uma compreensão hermenêutica do êthos cultural latino-americano apresenta-se, desde o seu início, de mais problemática em sua formulação originária, que se refere ao seu aspecto teórico e à dimensão da práxis histórica. Deve-se introduzir a concepção da linguagem como elemento e como características inalienáveis da vida humana e faz-se notar que a linguagem entra em todas as tentativas de determinação da natureza humana. Inicialmente abordamos as dimensões da linguagem na perspectiva de três manifestações fundamentais: como humanidade; como comunidade e como indivíduo, sendo que as mesmas dimensões envoltas pela condicionalidade, que seria, necessariamente a competência do campo da cultura. Nesse sentido será necessário construir-se um paradigma de compreensão da linguagem. No que se refere à linguagem quanto à compreensão e classificação ao nível da humanidade, será preciso uma filosofia da linguagem; para a compreensão a classificação da linguagem ao nível da comunidade busca-se como recurso a sociologia da linguagem; e para a compreensão da dimensão individual da linguagem, de uma psicologia da linguagem.

É preciso aceitar que a razão é peregrina em virtude de sua manifestação em múltiplos contextos culturais. A filosofia ocidental falou do homem, mas não dos homens. Esta será uma tarefa filosófica mais atual, tarefa da filosofia intercultural contemporânea. Implicará como nova tarefa da filosofia desde a marginalidade dos povos não europeus, dos povos periféricos e da necessidade de se articular o discurso filosófico desde a marginalidade e da barbárie. Autores latino americanos afirmam que foi importante o descobrimento de que a palavra homem não significa nada se a mesma não se relacionar com uma situação determinada, como pior exemplo, o grupo social dos povos emergentes, revolucionários pela causa do reconhecimento pleno dos direitos de auto determinação. Esses grupos ao tratarem da concepção de homem falarão da liberdade dos povos novos, dos povos originários, dos mestiços e dos povos escravizados. As palavras pronunciadas em nossos movimentos de independência têm sentido apenas para uma minoria, quando essas palavras não forem a expressão da universalidade das expressões dos direitos humanos fundamentais de todo povo. Assim, não poderia existir uma revolução abstrata, um direito abstrato, um país abstrato e um governo abstrato. O que deverá realizar-se é a autêntica expressão da autonomia de todos. Aqui irrompem novos valores e valores universais para todos. Neste sentido, consideramos as reflexões de Alejandro Serrano Caldera<sup>23</sup> ao referir-se às suas hipóteses e aproximações da cultura latino americana. O autor reflete sobre o princípio da universalidade da cultura e compreendendo-a como uma síntese nos mais diversificados processos históricos, aos quais apenas por aportes fragmentários arqueológicos poderemos nos aproximar. Serrano Caldera sublinha que na América Latina sofremos de muitas superposições de elementos culturais. E, por vezes, muitos aspectos da cultura autóctone dos povos originários é negada, destruída e suplantada com elementos culturais do dominador.

O multiculturalismo tem como tema central a problemática da identidade, o modo de ser, o modo de pensar. A interculturalidade implica que o pensar filosófico seja concebido, em sua essência, em seu princípio originante enraizado na tradição. A filosofia tem sempre um

---

<sup>22</sup> Ver Leopoldo ZEA. Discurso desde la marginación y la barbarie. Barcelona : Anthropos, 1987. p. 31.

<sup>23</sup> Alejandro SERRANO CALDERA. La Unidad en la Diversidad. Manáguá, 1998.

caráter cultural novo e singular para manifestar-se, pois, ao comunicar o nosso pensamento já o fazemos num meio de uma cultura singular, ou seja, pelo uso de um idioma, já nos revelamos inseridos numa determinada cultura. Esta seria a possibilidade de se instaurar um verdadeiro diálogo entre as culturas. Através da filosofia intercultural pode-se fundamentar melhor o princípio do êthos da identidade latino-americana que implica a difícil compreensão, pois isso envolve uma renovação da metodologia do estudo e da hermenêutica da cultura.

## **5. Conclusão**

O multiculturalismo implica uma nova formulação filosófica e metodológica da historiografia na pesquisa da subjetividade e da formação do êthos cultural. O tratado e o discurso sobre o multiculturalismo é sempre um diálogo entre as culturas. Assim, não se deve esquecer que a cultura se realiza no âmbito dos sujeitos históricos concretos, como sujeitos coletivos que dão e seguem dando vida à cultura.

Conclui-se que se podem compreender as culturas como uma síntese de elementos inovados, transportados, assimilados num processo histórico, em que algumas variáveis podem ser definitivas em manter a identidade cultural embora, alguns venham a ser fatais para a subsunção de muitos elementos de uma determinada cultura.

Em grande parte pelo desenvolvimento da problemática da identidade e da interculturalidade foi possível elevar o multiculturalismo ao nível da discussão acadêmica. Este processo ensejou-se com o desenvolvimento da Antropologia e da Educação. As principais reformulações hermenêuticas sobre as fontes dessa problemática aconteceram nas últimas décadas, graças à utilização de uma nova metodologia da pesquisa histórica. Poderiam ser destacadas as inúmeras dimensões desafiadoras do uso do método da história oral, e por outro lado, a introdução do conceito de alteridade na filosofia e na literatura que trata da filosofia hermenêutica. Essas categorias são empregadas, principalmente, para fundamentar as diversas formas de reconhecimento da alteridade absoluta do outro.

Sem o reconhecimento da alteridade absoluta do outro homem a experiência ética seria um capítulo da ontologia do materialismo histórico e da ontologia econômica. O sujeito reconheceria o outro como um igual, como alguém mais poderoso ou menos hábil, e, dependendo disso, faria seus cálculos e estabeleceria a relação que mais lhe conviria: poder, seria como um pacto e uma forma de submissão. Na interculturalidade, como método hermenêutico da compreensão do êthos cultural do sujeito histórico, ou seja, da subjetividade em si e do objeto da pesquisa historiográfica trata-se, no entanto, da compreensão do ainda-não-dito. Trata-se de encontrar um paradigma para a compreensão do mundo no qual se movem os atores da história dos mesmos na compreensão da delimitação ôntica do mundo. Entende-se por atualidade, na perspectiva teleológica, a sempre presença da relação da unidade e multiplicidade na construção de uma subjetividade protagonista, como autor consciente e transformador da história. A dificuldade reside na possibilidade de uma interpretação segura, pois, a própria metodologia da hermenêutica envolve implicações de extrema subjetividade e de uma enorme relatividade. Nessa perspectiva hermenêutica poder-se-ia perguntar sobre a forma

consciente como interpretamos o mundo, ou seja, questionar o modo como nos responsabilizamos pelas nossas atitudes, pelas nossas representações culturais e pelo nosso imaginário intercultural.

Existe um saber prático no multiculturalismo que é a experiência que fazemos em nosso cotidiano no contexto da práxis em que estamos compartilhando vida e história com o outro. Tratar-se-ia, assim, de cultivar esse saber prático de maneira reflexiva e com um projeto para organizar nossas culturas alternativamente a partir do outro, para que, assim, o multiculturalismo se converta numa qualidade ativa em nossas culturas. A visão da interculturalidade implicará numa qualidade da afirmação do nosso ser histórico, que se manifesta nas diferentes culturas. Essa concepção denota uma imprescindível concepção histórica da cultura. As culturas desenvolvem-se sempre em condições contextuais determinadas como processos abertos em cuja base se encontra o princípio do tratamento, da interação e comércio para com o outro. As culturas sempre são processos em fronteiras. Na perspectiva inovadora, essa fronteira é uma experiência básica de estar em contínuo trânsito. Não se trata, aqui, de uma fronteira que demarcaria o território próprio, que traçaria o limite entre o próprio e o alheio como um limite que marcaria o fim do próprio e do começo do alheio, deixando assim o alheio do outro lado da fronteira. Não seria isso. Essa fronteira se produz e se estabelece no interior mesmo daquilo que chamamos de nossa própria cultura. O outro está dentro, e não fora do nosso contexto cultural. Isso é o princípio fundamental do multiculturalismo face à educação. O multiculturalismo requer um instrumento hermenêutico fundamental para compreender os alcances da globalização do mundo contemporâneo e servirá como proposta para enfrentarmos os grandes problemas do resgate de nossa identidade. O impacto fundamental diz respeito à política e ao meio econômico. Esse impacto é constatado fundamentalmente nas estruturas sociais e nos valores da sociedade que está sempre em rápida transformação podendo ser real e virtual.

## 6. Bibliografia

- APEL, Karl Otto. *Towards a Transcendental Semiotics*. New Jersey: Humanities Press, 1994.
- BORDA, Dionisio & MASI, Fernando. *Pobreza, Desigualdad y Política Social en América Latina*. Asunción : CADEP, 2001.
- BOLZ, Norbert. *Auszug aus der entzauberten Welt. Philosophischer Extremismus zwischen den Weltkriegen*. München, 1989.
- ELIAS, Norbert. *Über den Prozess der Zivilisation*. Frankfurt am Main : 1976 2 vol.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Problemas atuais da filosofia na Hispano América*. S Leopoldo : Unisinos, 1992.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Questões de método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América*. S. Leopoldo : Unisinos, 1994 .
- FORNET-BETANCOURT, Raúl *Kulturen der Philosophie*. Aachen, 1996.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl *Interculturalidad y Globalización*. Frankfurt/M. : IKO, 2000.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl *Aproximaciones a la Globalización como*

*universalización de Políticas Neoliberales desde una perspectiva filosófica*. In Pasos n. 83. San Jose –Costa Rica, 1999.

- GRUZINSKI, Serge. *El Pensamiento Mestizo*. Barcelona : Paidós Ibérica, 2000.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa : ed. 70, 1980.
- MOREIRAS, Alberto. *A Exaustão da Diferença*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- PANIKKAR, Raimon. *Filosofía y cultura: una relación problemática*. In: FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Kulturen der Philosophie*. Aachen: Augustinus, 1996 pp. 15–41.
- PANIKKAR, Raimon. *The internal dialogue: the insufficiency of the so-called phenomenological epoche in the religions*. *Religion and Society*. Bangalore 15 (1968): 55-66.
- RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório*. Petrópolis : Vozes 1979.
- RICO, Alvaro & ACOSTA, Yamandú. *Filosofía Latinoamericana, Globalización y Democracia*. Montevideo: Nordan-Comunidad, 2000.
- RIFKIN, Jeremy. *O Século da Biotecnologia*. São Paulo: Makron Books, 1999.
- SERRANO CALDERA, Alejandro. *La Unidad en la Diversidad*. Manágua, 1998.
- SERRANO CALDERA Alejandro. *La unidad en la diversidad*. Managua : San Rafael, 1993.
- SIDEKUM, Antônio . *A Intersubjetividade em Martin Buber*. Porto Alegre : EST. 1979.
- SMITH, David M. *Moral Geographies; Ethics in a World of Difference*. Edinburg. 2000.
- TAYLOR, Charles. *As Fontes do self*. São Paulo: Loyola, 1997.
- TAYLOR, Charles. *Multiculturalism*. Princeton : Princeton University Press, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. S. Paulo: Martins Fontes editora, 1991.
- WIMMER, Franz Martin. *Philosophiehistorie in interkultureller Orientierung. Thesen zu Gegenstand und Form*. Em Polylog, n. 3, 1999.
- WIMMER, Franz. *Vorlesungen zu Theorie und Methode der Philosophie im Vergleich der Kulturen*. Bremen : Studiengang Philosophie 1997, 182p. Em FORNET-BETANCOURT, Raul. *Kulturen der Philosophie*. Aachen : Augustinus Verlag, 1996. p. 209.
- ZAPATA-BARRERO. *Ciudadanía, democracia y pluralismo cultural: hacia un nuevo contrato social*. Barcelona: Anthropos, 2001
- ZEA, Leopoldo. *Discurso desde la marginación y la barbarie*. Barcelona: Anthropos, 1987.

ANTONIO SIDEKUM

Dr. Em Filosofia pela Universidade de Bremen, Alemanha

Professor de Ética e de Antropologia na FACCAT – Taquara RS Brasil